



SEPARATA

Do volume XI da Revista da Academia Fluminense de Letras

Viajar é bom...

I PAISAGEM & FIGURA HUMANA

Terra Goitacá

Uma capela entre verdes

II QUANDO A TERRA AMANHECIA

A pesca maravilhosa

Ararigbóia

III IDADE HERÓICA

A figueira de Tiradentes

IV CICLO DA ESCRAVIDÃO

Preto velho

O túmulo acorrentado

NITERÓI - Estado do Rio de Janeiro - 1960

Revista da Academia Fluminense de Letras
(Separata do volume XI)

Viajar é bom. Nas minhas andanças pelo interior fluminense gostava de perguntar e ouvir. Como não eram viagens para recolher documentação, antes fuga sentimental, não tomei uma nota no "momento: para melhor evocar depois"

Contar detalhes de viagem é monótono. Trouxe para o papel apenas o essencial: as legendas.

As legendas. Nascidas de um fundo real, ampliadas de traços imaginados pelo tempo, são como seixos rolados e têm a mesma beleza sóbria.

A muitas, a quase todas. para que não fossem apenas histórias de mentira, o povo acrescentou a moralidade. Seixos perfeitos.

Claro, não era a veracidade, nem a lição, o que a mim interessava. Tampouco entendo de etnologia, etnografia, folclore, respeitáveis especialidades.

Algum dia escreverei a lenda do "Mão de Luva" dos "sertões de Macacu", depois Cantagalo; também me emocionará referir a agonia e morte da antiga vila de Santo Antonio de Sá; assim outras e outras.

Por ora fico nestas sete. Sete, número de mentiroso. Confesso: o que me seduzia, a par da expressão peculiar de boca que falava, era o estranho, o maravilhoso, o romanesco.

E assim nasceram estas sete legendas. Foram escritas – será preciso dizê-lo ? – sem ufanismo sim, porém com entusiasmo e grande amor.

Terra Goitacá

Quero lembrar agora aquela manhã antiga. Quero lembrar aquela manhã em Campos.

Antiga, perdida não na bruma, nem confundida a outras, antes cada vez nova e singular. Manhã das manhãs, guardo-a viva em mim – manhã de páscoa em terra goitacá!

Havia um bosque de eucaliptos do lado de Guarulhos, ao fundo, mirando os alongados perfis das árvores em cone, no espelho do rio.

Debruçado na amurada de ferro, eu fruía os últimos instantes às margens do Paraíba.

Soprava a brisa; o céu era azul. Lembro: era azul o céu.

Embaixo as águas corriam e tinham pressa em correr, caminhavam para longe, para o encontro marcado com o oceano...

Eu olhava.

Lá está o convento da Lapa, que o jesuíta levantou, e a sua capela, que já teve duas torres.

Hoje tem uma só.

"Pois é", sussurra-me o velho que se aproximara, "eram duas torres irmãs. Numa noite de tempestade diz que uma faísca derrubou a outra. Caiu a torre, enquanto o sino mergulhava badalando, dentro do rio. E lá ficou, azinhavrando, coberto de limo. Até que um dia veio o jacaré Ururau de papo amarelo e nele fez a sua toca, de onde sai para comer os que se afogam no Paraíba. E diz-que quando o tempo pega a ameaçar, ouve-se um som de metal por riba das águas – é o sino onde mora o jacaré Ururau de papo amarelo, chorando no fundo do rio. Coisas do povo..."

"Mas que tem lá a sua poesia."

"Pois não é?"

E prosseguia aquele companheiro fantástico.

Eu ouvia.

Ouvia e olhava.

De repente – e ele se calou – aquele alumbramento.

O Sol acordara por trás dos eucaliptos, para os lados de Guarulhos. E se erguia, num despertar glorioso, um brilho alvinhento. Erguia-se; e logo incidindo sobre o estendal das águas, recamava de ouro as minúsculas ondas. A partir de nossos pés, um rastro de luz se alongava de uma margem à outra margem, pulverizando-se na altura...

Alguém chamava por mim: as urgências da vida. E era preciso reter para sempre – para sempre! – a beleza daquele instante.

Envolvi tudo num olhar ambicioso – bosque de eucaliptos e margens, raios de Sol e escamas de ouro, aspirei a brisa, a frescura das águas, e me afastei em estado de poesia.

"Adeus, amigo."

"Boa viagem, hein!"

Crina ao vento, cauda empinada, cavalo passou galopando um momento contra o fundo das árvores –nobre e mitológico – sumindo no bosque iluminado...

Uma Capela entre verdes

Contornando as montanhas da Serra de São Sebastião chega-se, por estrada sobre pirambeiras, a uma pequena cidade. Esta, que tem nome igual ao da Serra, mais o detalhe de sua posição iminente – São Sebastião do Alto – é cidadezinha típica do nosso interior.

Logo à entrada comprida rua em ladeira, cujas casas, à face do passeio, baixas e cobertas de telha-canal, agridem esquadrias em azul ou vermelho. De cada lado, em meio a esses estabelecimentos que vendem de tudo – matutos de pé no chão e animais amarrados à porta – descobre-se a farmácia, o cartório, a barbearia, uma oficina mecânica, a placa minúscula do Posto de Saúde e o letreiro enorme do único partido político local.

No extremo, a casa-grande de fazenda servindo agora de Prefeitura. à direita, numa rampa suave, alveja a matriz de uma só torre e grades prateadas.

Aquela população de quinze mil almas não têm pastor.

Aos domingos um padre viaja de Cordeiro ou Cantagalo, e celebra missa às dez horas. A cerimônia é um acontecimento; a igreja regurgita. Ao fim do ato o largo se anima, inclusive de gente vinda de longe, do único distrito, Valão do Barro.

Aí, nessas paragens entre montanhas, há muitos anos fato ocorreu...

Certa tarde o empregado de fazenda, dando batida pelas brenhas à procura de uma besta, desceu ao fundo do despenhadeiro – onde esperava encontrar morto o animal – na estrada antiga. Era um preto, moço e forte, inimizado com muitos pelo feitio brigão. Ei-lo que surge, aos gritos, anunciando horrível descoberta.

Anoitecia. Curiosos acorreram ao local do crime; só alguns decididos porém empreenderam a difícil descida, e grande foi o espanto: a vítima, menina de seus dez anos, era filha do capataz da Fazenda dos Ipês. O uniforme escolar estava em frangalhos, havia sido um atentado sexual.

A polícia deteve o denunciante, que se havia ocultado. Nos interrogatórios explicou-se confusamente, emaranhou-se em contradições, e da suspeita concluíram pela certeza: estava ali o criminoso.

Então o povo se irou, amotinou-se à porta da cadeia, queria linchá-lo.

Foi redobrada a vigilância ao prisioneiro. Quando a indignação serenou, as autoridades providenciaram a reconstituição do crime.

Era de manhã; delegado, escribas, um jornalista, dois chefes políticos, curiosos, rumou tudo para o local. Cabo e três soldados – todo o destacamento – rompiam à frente com o acusado em algemas.

Começou a reconstituição. Estavam a dois passos do despenhadeiro. A penedia negra, vertical, cobria-se aqui e ali de cactos espinhentos. Lá embaixo, no abismo, a copa das árvores era um tapete verde-garrafa prateado pelas folhas de embaúba.

“Valha-me, Santa Irene!”

Todos se voltaram. E viram-no, ao acusado, rompido os ferros, de braços abertos, lançar-se no espaço como um pássaro – enorme e ágil pássaro negro.

Desceram os soldados a capturá-lo, vivo ou morto.

Não o acharam.

Dias a fio bateram a mata – nenhum vestígio. Na cela encontrou-se um quadradinho de vidro rachado, representando Santa Irene. No verso do “registro” desentranhou-se da garatuja um protesto de inocência e uma súplica à Santa, que salvasse “aquele desgraçado filho de Deus”.

O carcereiro esclareceu detalhes. Muitas noites vira o pobre ajoelhado na laje, ao pé da imagem, rezando alto; tão alto, que devia fazê-lo calar. E ele obedecia com humildade. às vezes chorava. Mas nunca dissera nada sobre a sua inocência.

Vivia ainda a cidade a estranha fuga, interpretando-a sobrenaturalmente, quando desconhecido se apresentou à Delegacia. Queria falar em particular ao Delegado. Foi recebido; estava ali o verdadeiro criminoso que se entregava à justiça.

O milagre era perfeito.

O tempo esfumou a realidade em lenda e o sentimento inspirou uma devoção: o culto a Santa Irene.

Diz-que meio século depois um preto velho apareceu na cidade, meteu-se numa cabana de ramos, no famoso lugar – conhecido desde então pelo nome de Santa Irene – e, juntando pedras, ergueu com suas mãos uma capelinha àquela santa: era o verdadeiro acusado.

Hoje a obra primitiva foi substituída por outra.

E ali está, no fundo do despenhadeiro, agora mais acessível, aquela alva capela entre verdes! Uma nascente, na rocha, murmura a sua água virgem, remédio para todos os males – os da alma também – desde que se tenha limpo o coração.

A pesca maravilhosa

“Maricá – diz Siman Vasconcelos na **Vida do Venerável Padre Joseph de Anchieta** – é uma lagoa, que a tempos se abre ao mar, distante sete léguas da cidade do Rio, donde costumam tirar os moradores grandes cargas de peixe.”

O jesuíta escrevia isso nos primeiros tempos da colonização dessa parte do território fluminense e do Brasil.

Hoje, Maricá aproximou-se da capital, elevou-se a cidade, e apenas a lagoa, como antigamente, é abundante em peixe. Para lá, todos os anos – a 15 de agosto – desloca-se em alegre romaria multidão de devotos de Nossa Senhora do Amparo.

A antiga vila de Santa Maria de Maricá orgulha-se de assinalar a presença do Apóstolo do Brasil em suas terras.

Exatamente em 1584.

Viera o sacerdote doutrinar os índios da aldeia de São Barnabé, em Cabuçu, fundada com gente de Ararigbóia ou talvez de remanescentes dos tamoios de Cabo Frio, sob a direção dos religiosos.

Já então era famosa a lagoa.

Para aí, a fim de realizar pescarias com que abastecessem o núcleo, mandaram os superiores o irmão Padre Leitão mais serventes e índios. Acompanhou-os Anchieta, que aproveitou a ocasião para “tratar com Deus mais retiradamente naquela solidão”.

Aberto no mato de espinheiros, o acesso à lagoa era difícil, a jornada penosa. O escuro surpreendeu o grupo em marcha, que pousou numa choupana junto ao penedo de Itaipu. Noite alta, duas onças vieram rondar; Anchieta, tendo lhes falado como a companheiras, pôs em retirada as feras esfaimadas.

Quando amanheceu, assistida a missa, partiu o grupo para as margens da lagoa com redes, cestos, petrechos de salga.

Haviam dado início à pescaria. Mas o peixe esquivava-se, pouco ou nada recolhiam. A meia distância o santo lia o seu breviário. Irmão Pedro veio queixar-se.

Constristou-se do insucesso; mas que podia fazer?

“Padre, dizem todos, que obedecem os pássaros a vossa Reverência, que vêm voando a conversar convosco, a pousar em vosso braço.”

“Bom dito está esse, irmão! respondeu. E não se vão elas pôr no monturo ou numa forca também?

O irmão insistia, ele seguiu-o:

“Boas costas são estas para lançardes sobre elas coisa tão grande! Andai, andai, que não sabeis quem sou!”

(Referia-se ao defeito físico: quando noviço, um moço, queda de escada fizera-o corcunda para o resto da vida)

Chegado junto às águas, o santo ordenou:

“Atirai neste lugar as redes. Atirai, que haveis de ter resultado, se Deus assim o mandar.”

Os homens fizeram como dizia.

E as redes emergiram carregadas. Indicou outros pontos, e mais pesadas saiam, rompiam-se, enchia-se a praia de peixes.

Felizes, maravilhados, gritavam todos:

“Milagre! Milagre! Milagre!”

Então ali, junto à remansosa lagoa que os montes cingem de verde, mostrou o santo àquelas almas, em prédica singela, as excelências da mensagem do Mestre. Aqueles realizariam coisas mais espantosas, removeriam montanhas, que tivessem fé.

E glorificou ao Senhor, a quem mar e vento, céus e abismos, a quem todas as criaturas obedecem.

Os peixes saltavam sobre a areia na clara manhã brasileira.

Ararigbóia

No pedestal, ali no ajardinado sempre verde da principal de Niterói, lê-se sob o busto do índio:

ARARIGBÓIA 22 – novembro – 1573

É a data solene de posse da terra, a qual começaria das barreiras vermelhas que estão da banda de além da cidade de São Sebastião, doada em sesmaria ao cavaleiro da Ordem de Cristo, Martim Afonso, o índio Ararigbóia, ou *cobra do mau tempo* – essa que depois foi Praia Grande, hoje Niterói.

Naqueles dias os franceses, aliados aos tamoios, tentavam ainda uma vez fixar-se em terras brasileiras, na Baía de Guanabara.

Vivia Ararigbóia na Capitania do Espírito Santo, morubixaba de uma taba de índios temiminós, da tribo dos tupinambás. Da Bahia, com dois galeões carregados de petrechos de guerra, mas escasso pessoal, o capitão-mor Estácio de Sá veio ter ao Espírito Santo, onde pessoalmente falou ao cacique, convidando o acompanhasse na arrojada empresa de pôr em retirada os franceses.

Acendeu o índio. Era oportunidade de tirar vingança sobre os tamoios inimigos, que em tempos o haviam expulso e aos seus da baixada grande da baía. Escolheu os seus melhores guerreiros, armou-os, contribuindo ainda com substancial reforço de víveres.

E a 20 de janeiro, dia de São Sebastião, ao romper d'alva, o capitão-mor luso e o chefe indígena caíram sobre os invasores e seus aliados. Foi dura a peleja; Estácio de Sá, ferido na face por uma flecha envenenada, pereceria mês depois; Ararigbóia perdeu muitos homens, mas a vitória assegurou ao vencedor a posse definitiva da Guanabara.

As coisas se faziam devagar. Quatro anos havia andava Ararigbóia nestas lutas. Quis retirar-se para a sua aldeia, a repousar de tantos trabalhos, sentia-se "dispeso e gastado".

Não consentiu o governador Mem de Sá, em nome d'el-rei (disse-lhe), folgasse de ficar em terra para a favorecer e povoar, mandando trazer sua mulher e gente que tinha no Espírito Santo. Mais: pedisse as terras de que necessitasse e onde as houvesse em vaga e devolutas, para si e os seus.

E a mercê foi feita:

“Dou a Martim Afonso uma légua de terra ao longo do mar e duas para o sertão que tinha dado e com as condições de sua renúncia, hoje 16 de março de 1568 anos.”

Com o posto de capitão-mor e uma tença de doze mil réis, retirou-se Ararigbóia para a sua nascente aldeia, que ia desde o morro de São Lourenço – onde se ergue a capela sob a invocação do mesmo santo, berço também ali do teatro brasileiro – até areias de Icarai.

Não acabaria, farto de dias qual patriarca, o altivo Ararigbóia. Vivera perigosamente, tragicamente acabou: morreu afogado junto à ilha de Mocanguê-mirim, em frente à sua aldeia.

Mas, além da cidade, que lhe guarda a memória, um traço de caráter ficou na tradição.

Com o vestido de gala que lhe enviara el-rei Dom Sebastião, participava de uma visita de cumprimentos no Rio de Janeiro, ao recém-nomeado governador das capitanias do Sul, o Dr Antônio Salema.

Sentou-se Ararigbóia, entre aqueles reinóis protocolares, e cavalgou uma perna sobre outra. Não pareceu o gesto bastante decente ao governador, que manda dizer pelo intérprete não ser aquela boa cortesia diante de um representante de Sua Majestade.

Levantou-se o velho índio de pronto, tomado de cólera:

“Se tu souberas – retruca – o que cansadas tenho as pernas das guerras nas quais servi a el-rei, não estranharas dar-lhes agora este pequeno descanso, mas já que me achas tão pouco cortesão, eu vou para a minha aldeia, onde nós não curamos desses pontos, e não tornarei mais à tua corte.”

Mais tarde voltaria às boas, mas levou tempo.

A Figueira de Tiradentes

É uma figueira brava, de tronco carcomido e copa rala – uma árvore anciã. Quando jovem, era bela aquela árvore, à margem da estrada, rebrotada na primavera.

A fazenda do Padre Corrêa – onde Pedro I gozava férias com a imperial família – encheu-se de casas, surgiram ruas, tornou-se um prolongamento da cidade de Petrópolis.

Alargou-se o velho caminho de tropeiros para deixar passar o trem de ferro. Logo vieram os automóveis, que tomaram paralelamente mais terreno. E assim surgiu Corrêas.

No meio da estrada, a figueira se destaca, sozinha e feia – sobrevivente de uma época que já vai longe.

Ainda vive...

Talvez não resista muito.

Nos seus belos dias, quando bandos de pássaros cantavam pelos galhos, pousavam também à sombra da figueira a gente que descia das montanhas de Minas Gerais, pelo Caminho Novo, na Serra da Mantiqueira, em demanda da Corte. As águas do Piabanha regam as suas raízes. A figueira era um “alto” na estafante jornada.

Entre os viandantes contava-se certo homem de mediana estatura, cabelos alourados, claro, de aspecto simpático. Era vivo, tinha o coração ardente, e sabia falar.

Falava ao povo nas vilas, nas fazendas, por toda a parte. Afirmava estar para haver um levante, tanto em Vila Rica como no Rio de Janeiro e outras capitais do Brasil. Em Vila Rica, pessoas influentes, comandantes de tropa, desembargadores, padres, doutores, todos se haviam entendido. Bastava só esperar a cobrança dos impostos atrasados sobre o quinto do ouro – a derrama – para o grito de revolta.

Era um movimento já vitorioso. O entusiasmo apoderava-se de todos os corações brasileiros, e podiam também contar com a França e a Inglaterra, que enviariam navios. Os generais-governadores, desalmados tiranetes, seriam despachados para Portugal, para nunca mais aqui mandar – e o Brasil seria uma nação livre, próspera, feliz.

“Liberdade! Liberdade ainda que tarde!”

O homem que assim falava não era outro senão o alferes do Regimento de Dragões da Cavalaria Paga da Capitania de Minas Gerais; Joaquim José da Silva Xavier, o **Tiradentes**.

Ora uma vez, depois de vários dias de jornada, o Tiradentes alcançou o pouso da figueira.

A noite vinha chegando.

Arriou o seu bacamarte de cano de trombeta, junto à árvore e, acomodando a mochila, deitou o corpo cansado, adormecendo logo.

Adormeceu e sonhou.

Numa noite escura, num campo infinito, legiões de soldados lutavam bravamente. Grandes golpes eram desferidos, arcabuzes estouravam, animais cruzavam em disparada, havia sangue por toda a parte.

A vitória parecia inclinar-se para o inimigo.

Estavam prestes a vencer, quando um guerreiro desceu das montanhas, empunhando uma bandeira. Na bandeira viam-se entrelaçados três triângulos. E logo a seguir do guerreiro, que empunhava a bandeira bem alto, legião de soldados, gritando: "Viva a Liberdade! Viva a Liberdade!"

Então fêz-se tal desordem, os inimigos debandavam, precipitavam-se no mar, em desespero. Do mar levantava-se o Sol que iluminava serras e planícies, coisas e homens, num resplendor triunfal...

Assim sonhou o protomártir sob a figueira, sonho cuja realidade não seria para os seus olhos...

Preto velho

“A escravidão – observa Machado de Assis no conto **Pai contra Mãe** – levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições.”

Passou a escravidão; sobreviveram as superstições, as histórias, as lendas. E ainda restam remanescentes, que logo desaparecerão. É bom ouvi-los, enquanto não silenciam, enquanto cruzam um momento aos nossos olhos.

Ia de automóvel para Nova Friburgo. Tinha deixado atrás Itaboraí, a terra do Dr. Macedo, o da Moreninha, e subia a serra, depois de beber café com mãe-benta em Cachoeiras de Macacu.

O frescor da manhã cheirando a mato e o encachoeirar das águas do Macacu, entre seixos, punha os viajantes de bom humor. Quando se é feliz, o cidadão egoísta que há em nós esconde-se envergonhado. E a gente se humaniza, tem veleidades de ternura passageira.

Na serra, a estrada que leva a Nova Friburgo é escavada a largos trechos na rocha viva, muralhas de arrimo a cada momento, passagem talvez tão estreita quanto nos dias em que a primeira leva de colonizadores a pisaram...

Vagaroso, o homem caminhava no chão pedregoso apoiado num bordão.

“Suba pra cá, preto velho!”

Ele parou, voltando a cabeça toda branca.

“Louvado seja Nosso Sinhô, meu branco!”

Acendi o cigarro de palha dele. Não ia para muito longe, morava em Muri. Apesar dos noventa e alguns anos andava aquela caminhada todos os dias. Vida de pobre. Que fazia para viver tanto? – perguntei.

“Não faço, nunca fiz mal a ninguém, meu branco. É coisa que Deus Nosso Sinhô não sofre, esteja certo.”

Falando sempre, disse-me que nascera nas terras do Barão de Aquino, no Sumidouro, onde se criara. E elogiou o barão. Não gostava de bater em escravo, não sinhô. Quem quisesse castigar fosse fazer pra longe da vista dele. Bom homem, o barão, meu branco!

Eu notara, através dos rasgos da camisa de algodãozinho, umas cicatrizes violentas. Perguntei com jeito que era aquilo.

“Qu’ê isso, meu branco!” – repetiu o velho, abanando a cabeça e falando longamente.

“... Intão veio otro capataz. Cruz credo, home ruim como aquilo nunca vi! Inté qui eu nem era lerdo, não sinhô. Hoje em dia tô um caco véio, naqueles tempo era um

bocado de nêgo. Ô xentes, né qui o diacho do home deu de impilicá comigo. Tomei surra uma vez, duas, não guentei não sinhô. Eu não.

Fugí. Ah, fugí. Quem diz qu'ia ficá tomando surra toda-vida? E vim descendo por esse mato de serra; com três dia 'stava perto de Cantagalo. Aí topei com um carvoêro. Parece qui istô vendo diante dos óio. Um "balão" pra mais de trinta pé 'stava fumaçando qui era uma beleza. "- Êta, carvãozinho bom, meu patrão!" fui dizendo só pra agradá o tal home, qui 'stava jantando na porta do rancho. Falei com ele, e tal, me tratô bem, inté me deu da janta dele.

"Stô arranjado, eu pensei. Com pouco, o "balão" pegô a fumaça azulado. Carvão 'stava prontinho. Me ofereci prá abafá. Mas quá, tnhoso 'stava tentando ele. De repente, né qui o home entra no rancho e sai de lá de dentro me aprontando uma espingarda? "- Nêgo safado, esteje preso!" "- Que é isso, patrãozinho?" "- É isso mesmo, negô fujão. E toca pra frente!"

Ele queria pegar uns cobre me entregando pras autoridade.

Ah! meu branco, vi qui 'stava perdido, virei bicho. Pedi a proteção de meu anjo da guarda, dei um salto pra riba dele e me defendi. O peste estrebuchou, foi num átimo.

Mas fiz besteira. Eu 'stava nu. Que faço? pego na rôpa dele, visto, vou pra Cantagalo. Aí descobriro o morto, me prendêro, fui a júri e a sentência do doutô juiz me condenô à morte. Sim sinhô `morte. Mas o Imperador – aquilo não era home, era um santo – trocô a pena de morte pelos açoite.

Ah, quasi morro, meu branco. Viu só os lanho? Mas 'stava sarando pra tomá o restante, quando veio a República. Intão o doutô juiz me mandô chamá e explicô qui eu não ia cumpri mais pena. "- O quê, seu doutô!" E como de fato: na nova lei não havia castigo de corpo. "- Vá com Deus, e tenha juízo!" Inda parece qui vejo o doutô juiz me falá...

Eu 'stava livre."

Túmulo acorrentado

Cemitérios do interior, humildes cemitérios, que situados em elevações se avistam da estrada antes de alcançar a praça das pequenas cidades – retalhos de pasto que o muro caiado de branco limita em retângulo, e onde ficou aprisionada uma ou outra paineira.

Portão azul. À entrada, destroçados túmulos, anjos de mármore sobre oratórios, datas que os anos vão apagando no ermo.

Epitáfios comoventes:

**AQUI DESCANSA,
VIVA EM DEUS,
M,**

Justus ut palma florebit

Os mais são sepulturas rasas coberta de capim. Flores sem nome repontam. Esvoaçam pássaros. E os mortos, anônimos.

Paz não houve no túmulo daquela mulher que se pode ver em óleo antigo: um par de frios olhos azuis em rosto oval, que devia ser pálido, e era belo, estranho e belo.

Ainda hoje, tantos anos passados, contam-se nas Duas Barras as façanhas dessa criatura – e o seu túmulo acorrentado, na parte velha do cemitério, é o testemunho da história.

Era tirana, e deleitava-se em saber-se temida. Tudo na fazenda corria na mais perfeita ordem. Uma fábrica de atividades: a melhor fazenda nas adjacências. Mas, ela era incontentável, preparava ciladas, espionava, não perdoava a menor falta. Logo nos primeiros tempos de casada, como surpreendesse uma cria furtando laranjas no pomar, mandou amarrar o moleque, e ela própria, a machadinha, decepou-lhe a mão.

O marido cometeu a imprudência de elogiar um dia a beleza de uma mucama que passava no pátio. Ela concordou; à noite mandou buscar a negrinha, untou-lhe o corpo de melado, amarrou-a num formigueiro. No pasto escuro, pela noite adentro, os gritos de dor cortavam o coração. Quem ousaria socorrê-la? O próprio marido – era um desses caracteres passivos, incapaz e indolente – não ousava intrometer-se. Pela manhã a negrinha apareceu inchada que só um bicho, os olhos comidos de meter medo.

E mais cruel se fazia.

O caso do escravo foi dos mais terríveis: mandou ferrá-lo nos pés e mãos, obrigou outro a cavalga-lo, de relho em punho, até que o miserável expirou.

Deu para ter uns ataques esquisitos, ficava rígida, espumava. Não era já a mesma mulher. Passava os dias zanzando pela casa, falando sozinha, dando gritos lancinantes, que a queriam matar. E tornara-se monstruosamente feia, uma bruxa.

Num daqueles ataque acabou.

Ninguém a chorou.

Sepultaram-na no mesmo dia, à noite; seu cadáver exalava um cheiro intolerável, perceptível à distância.

Logo no seu túmulo começaram a ouvir ruídos. Não eram gemidos humanos, era uma ronqueira de animal feroz. A alma dela porfiando por libertar-se.

Um dia a lousa apareceu erguida. Repuseram-na; tornou a deslocar-se. E a ronqueira continuava...

Então rodearam o túmulo de corrente, grossas correntes de bronze em negros elos, que, aprisionando o seu corpo, aprisiona para toda vida, ali, a alma pecadora.